

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	1
Título: Tarifa social poderá bancar até 100% das contas de luz na crise.....	1
Título: BNDES lança pacote de ações de apoio que soma R\$ 55 bilhões.....	3
Título: Petroleiras se movimentam para preservar caixa	5
Título: Curtas	7
Título: Menor consumo elevará reservatórios.....	7
Título: Usinas sucroalcooleiras pedem socorro ao governo.....	9
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	11
Título: Moraes destina R\$1,6 bi de fundo da Lava Jato para saúde	11
Título: Venezuela fecha postos de gasolina por doença	12
Título: » Fechou o tempo.	13

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/03/2020

Seção: Brasil

Autor: Daniel Rittner — De Brasília

Título: Tarifa social poderá bancar até 100% das contas de luz na crise

A tarifa social de energia elétrica poderá ter o valor da subvenção ampliado para 100% das contas de luz de famílias de baixa renda, com consumo mensal de até 220 kilowatts-hora (kWh), durante três meses. O benefício, discutido entre autoridades do setor e representantes do Congresso Nacional, seria uma forma de aliviar temporariamente o peso dos serviços públicos no bolso dos mais pobres em um momento de pico do novo coronavírus.

Uma minuta de medida provisória já foi discutida pelo senador Marcos Rogério (DEM-RO), presidente da Comissão de Infraestrutura do Senado, e o **ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, que fazia parte da comitiva presidencial aos Estados Unidos e foi infectado pelo vírus. Ele tem passado quarentena em sua casa no Rio de Janeiro e participado de reuniões por videoconferência.

Têm direito à tarifa social famílias inscritas no Cadastro Único do Ministério da Cidadania ou pessoas que recebem o Benefício de Prestação Continuada (BPC) do Ministério da Cidadania. Hoje o desconto sobre a tarifa “cheia” de cada distribuidora de energia varia conforme o nível de consumo da residência: 65% (consumo de até 30 kWh por mês), 40% (31-100 kWh) e 10% (101-220 kWh).

Pelo texto da minuta que está sendo discutida, o desconto subiria a 100% para todas essas faixas durante três meses. O impacto é estimado em cerca de R\$ 1 bilhão no período. Não haveria impacto sobre as finanças públicas.

As subvenções da tarifa social são financiadas pela Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), o “superfundo” que banca subsídios do setor elétrico, cujo valor é rateado por todos os consumidores do sistema - com peso maior nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. O orçamento da CDE aprovado para 2020 é de R\$ 21,9 bilhões e o valor já destinado à tarifa social chega a R\$ 2,66 bilhões.

Para bancar o acréscimo no auge da crise, seriam redirecionados recursos das próprias distribuidoras hoje usados em projetos de pesquisa e desenvolvimento (P&D) no setor e em ações de eficiência energética, de modo a evitar um aumento da CDE.

De acordo com a Lei 9.991, de 2000, as concessionárias do setor elétrico - de geração, transmissão e distribuição - precisam destinar até 1% de suas receitas operacionais líquidos em iniciativas de P&D e eficiência. A ideia é separar parte desse montante para arcar com o aumento temporário da tarifa social. Pelo texto, a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) criaria uma conta específica para gerir os recursos durante esse período.

“No momento em que os brasileiros precisam ficar em isolamento domiciliar, o consumo de energia aumenta, ao mesmo tempo em que a renda cai.

Precisamos criar mecanismos para aliviar a conta do consumidor mais carente”, afirma Marcos Rogério.

“Todas as empresas do setor elétrico são obrigadas a realizar investimentos em P&D. Portanto, o dinheiro do fundo poderia ser utilizado para custear as tarifas de quem consome até 220 kWh [por mês]”, acrescenta o senador.

A edição de uma MP com essa finalidade tem o apoio da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), mas ela não define políticas públicas. O Ministério de Minas e Energia ainda não tem uma definição sobre a medida.

O presidente da Abradee (associação das distribuidoras), Marcos Aurélio Madureira, diz que, na semana passada, as empresas se dedicaram prioritariamente à reorganização de suas atividades - call centers, fechamento das agências de atendimento presencial, equipes de manutenção das redes em campo. A partir desta semana, segundo ele, as distribuidoras vão discutir mais fortemente medidas regulatórias com o ministério e a Aneel, incluindo uma eventual MP. “Estamos buscando interagir [com as autoridades] para ver a forma mais adequada de resolver isso”, afirma.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 22/03/2020

Seção: Brasil

Autor: Francisco Góes e Rodrigo Polito — Rio

Título: BNDES lança pacote de ações de apoio que soma R\$ 55 bilhões

Alvo de críticas pela demora na resposta aos efeitos do novo coronavírus, que devem desacelerar de forma dramática a economia brasileira este ano, o BNDES anunciou ontem as primeiras medidas de apoio a trabalhadores e empresas no enfrentamento da pandemia.

As ações somam R\$ 55 bilhões, sendo que uma parte delas - a transferência de R\$ 20 bilhões do PIS-Pasep para reforçar o FGTS - já havia sido divulgada pelo governo há uma semana. De novo, o pacote incluiu a suspensão por seis meses dos pagamentos de empréstimos contratados por empresas junto ao BNDES, no total de R\$ 30 bilhões, e a ampliação de capital de giro para micro, pequenas e médias empresas em R\$ 5 bilhões.

O BNDES também informou que ficam suspensos os pagamentos antecipados de recursos ao Tesouro, o que dá fôlego ao banco para trabalhar em medidas adicionais em uma segunda etapa.

O pacote do BNDES foi definido por economistas de diferentes tendências como “tímido” e “modesto”, embora haja o reconhecimento de que outras medidas

poderão ser anunciadas. “É uma primeira aproximação para testar o mercado e ver o que as empresas precisam para depois, eventualmente, complementar”, disse um executivo com passagem pelo banco. O BNDES informou que também estuda medidas setoriais que poderão ser anunciadas no curto prazo, incluindo o setor aéreo e o de turismo, bares e restaurantes.

As ações foram anunciadas pelo presidente do BNDES, Gustavo Montezano, em uma transmissão pela internet que contou com a participação do presidente Jair Bolsonaro. “São medidas iniciais do BNDES, que faz jus ao ‘S’ de social”, disse Bolsonaro. Ele também afirmou que novas medidas virão para dar uma resposta a “esse mal que nos aflige agora”.

Montezano negou que o banco tenha demorado a dar uma resposta à crise. “Esses R\$ 55 bilhões são super relevantes e representam quase o mesmo valor desembolsado pelo banco em 2019”. E continuou: “Em pouco menos de uma semana apresentamos medida dessa materialidade. Isso aqui é uma jornada, não é algo que se encerra agora. Na verdade, isso é só um primeiro passo. O banco está trabalhando quase sete dias por semana para entregar novos produtos. E vamos trazer mais produtos e soluções nas próximas semanas.”

A suspensão das amortizações em contratos de crédito por seis meses foi dividida entre operações diretas - aquelas feitas pelas empresas diretamente com o BNDES - e as indiretas, realizadas via agentes financeiros. As medidas valem para principal e juros, mas não mexem nos prazos totais das operações.

Nas operações diretas, o efeito estimado pelo banco com a suspensão temporária dos pagamentos é de R\$ 19 bilhões. Nas indiretas, chega a R\$ 11 bilhões. Nos dois casos, o diferencial que deixará de ser cobrado por seis meses será incorporado ao saldo devedor. As empresas podem pleitear a suspensão desde que a situação junto ao BNDES esteja regular.

No capital de giro, além de oferecer mais dinheiro, o banco amplia o leque de empresas que podem tomar recursos e os valores passíveis de contratação. Uma fonte disse que o capital de giro do BNDES estava limitado a empresas com faturamento de até R\$ 90 milhões por ano, número que passa para R\$ 300 milhões anuais. O limite de crédito por beneficiário por ano será elevado de R\$ 10 milhões para R\$ 70 milhões. As empresas terão 24 meses de carência e cinco anos de prazo total para pagar esses novos financiamentos.

A medida do capital de giro foi considerada “importante” por economistas, pois os recursos poderiam ser usados para pagar dívida mais cara contraída com o próprio BNDES - inclusive essa que poderá ter as amortizações suspensas agora, mas que ficará mais “pesada” para as empresas ao fim do contrato.

“As ações do BNDES são modestas, não condizem com o quadro de crise mundial. De linhas novas, está se falando em R\$ 5 bilhões. O resto é refinanciamento, isto é, as parcelas e juros são jogadas pra frente e acumuladas no saldo devedor”, tuitou, no meio da tarde, Felipe Salto, diretor-executivo da Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão do Senado. Para ele, os valores anunciados são modestos para cobrir o que pode ser uma “quebradeira geral” de empresas.

“Um dos maiores bancos de desenvolvimento do mundo tem que atuar de maneira firme”, afirmou o economista ao **Valor**. Ele disse que a Espanha anunciou um pacote emergencial de € 200 bilhões, equivalente a 20% do PIB daquele país, e o Tesouro dos Estados Unidos elevou o pacote econômico para US\$ 1 trilhão.

Um executivo disse que, em 2017, o BNDES lançou linha de capital de giro de R\$ 20 bilhões, mas reconheceu que houve demora para desembolsar. Outro economista afirmou que o apoio do governo na crise, incluindo o BNDES, equivaleria a menos de 3% do PIB do país. “De forma geral, os pacotes [no mundo desenvolvido] não têm sido menores do que 5% do PIB”.

O coordenador do Centro de Estudos do Mercado de Capitais (Cemec-Fipe), Carlos Rocca, listou três desafios com relação ao financiamento para o capital de giro das empresas: a agilidade para a liberação dos recursos; a flexibilização dos critérios de concessão dos empréstimos, já que muitas empresas podem não ter garantias de recebíveis, por estarem com as operações interrompidas; e o prazo das operações. “As empresas deixaram de vender e têm contas a pagar”.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 22/03/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho e Ivan Ryngelblum — Do Rio e São Paulo

Título: Petroleiras se movimentam para preservar caixa

Em meio à queda de 21% dos preços do petróleo do tipo Brent, na última semana, petroleiras começam a se movimentar para fazer frente ao cenário de crise desencadeado pela pandemia da covid-19 e pela disputa de mercado entre Arábia Saudita e Rússia. No Brasil, PetroRio anunciou que adiará investimentos, enquanto a Petrobras recorreu a desembolso de US\$ 8 bilhões em linhas de crédito compromissadas e avalia medidas extras para reforçar o seu fluxo de caixa, como a redução adicional de custos e otimizações de seu capital de giro.

No mercado internacional, gigantes do setor como ExxonMobil, Total, Equinor e BP sinalizam para cortes de gastos.

O movimento se dá em meio a perspectivas sombrias para a indústria de óleo e gás, na avaliação da consultoria Wood Mackenzie. A expectativa da consultoria é que os cortes nos investimentos serão “imediatos e profundos” e que os gastos globais do setor podem cair mais de 25% em 2020. Na sexta-feira o Brent para maio fechou cotado a US\$ 26,98.

Nas Américas, o Brasil é um dos países mais preparados para enfrentar a crise. Segundo o chefe de pesquisa da área de exploração e produção de petróleo da Wood Mackenzie na América Latina, Marcelo de Assis, 74% da produção brasileira opera com “breakeven” (preço de equilíbrio econômico) de US\$ 35 o barril ou menos. “O Brasil está numa situação melhor, por causa dos custos mais baixos do pré-sal. A situação é pior no Canadá, no shale dos Estados Unidos, Venezuela e México”, diz Assis.

Independente disso, as perspectivas são desanimadoras do ponto de vista da geração de caixa. Segundo a consultoria, o setor enfrenta incertezas “sem precedentes”. A Wood Mackenzie cita que, para melhorar as chances de sobrevivência, as empresas terão de aumentar a eficiência das operações; adiar a decisão de investimentos em novos projetos; e reduzir os níveis de atividade de exploração. Novos grandes projetos serão colocados em espera e o investimento discricionário de ciclo curto será reduzido ao mínimo.

A Equinor, por exemplo, vai adiar o projeto Bay du Nord, no Canadá, enquanto a ExxonMobil avalia medidas para cortar “significativamente” despesas de capital e operacionais e a francesa Total congelará novos recrutamentos, aumentará a economia de custos e interromperá seu programa de recompra de ações devido à queda dos preços do petróleo, segundo a Reuters. Já a BP pode cortar em 20% o seu plano de investimentos para o ano, noticiou a Bloomberg.

“Mesmo que a Opep + retorne à mesa [de negociação] e chegue a um novo acordo, os eventos recentes mudaram irreversivelmente a percepção de risco. O gênio não será colocado de volta na garrafa”, destaca o relatório da WoodMack.

No curto prazo, a consultoria crê que é provável que empresas - privadas e estatais - continuem produzindo com prejuízo, na esperança de que o preço se recupere rápido. “Mas se os preços não se recuperarem, as torneiras serão

inevitavelmente fechadas. Os desligamentos [de poços] serão mais substanciais que em 2015/2016”, afirma a Wood Mackenzie.

Para a agência de classificação de riscos Moody's, a persistência dos preços baixos por um longo período representa um risco adicional para as petroleiras, mas a expectativa é que muitas delas não tenham seus ratings rebaixados no curto prazo. A agência espera que a pandemia do novo coronavírus continue afetando o desempenho das empresas no segundo trimestre, mas que os fundamentos econômicos comecem a melhorar no segundo semestre. A Moody's estima que a cotação média do petróleo deve ficar entre US\$ 40 e US\$ 45 em 2020, subindo para entre US\$ 50 a US\$ 55 em 2021.

Segundo a agência, as grandes empresas integradas do setor demonstraram força nas últimas baixas do petróleo, com disciplina de capital e presença no refino - o que ajuda a reduzir os impactos na exploração e produção. Estatais, por sua vez, não devem ser rebaixadas, por terem notas atreladas ao rating soberano de seus países. Para companhias que atuam apenas com exploração e produção, a expectativa é de revisão das perspectivas das notas, mas com poucas delas sendo rebaixadas.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 22/03/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

AmGT na Eletronorte

A Eletrobras transferiu, na sexta-feira, o controle acionário da Amazonas Geração e Transmissão de Energia (AmGT) para a Eletronorte, sua controlada. A proposta já tinha sido aprovada em Assembleia Geral Extraordinária (AGO). De acordo com o comunicado, foram transferidas para a Eletronorte 497.946.334 ações ordinárias, representativas do capital social da AmGT, pelo valor de R\$ 3,130 bilhões. Esse valor ainda pode ser ajustado.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 22/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito — Do Rio

Título: Menor consumo elevará reservatórios

A forte queda esperada da demanda de energia devido ao recuo econômico causado pela pandemia do novo coronavírus deve proporcionar uma recuperação estrutural dos reservatórios das hidrelétricas do país, de acordo com especialistas ouvidos pelo **Valor**. Outro efeito previsto por eles é a possibilidade de manutenção da bandeira tarifária verde (sem aumento na conta de luz) durante todo o ano, por causa do consumo mais fraco.

Os lagos das usinas do país, que já apresentam sinais de melhora por causa das chuvas intensas ocorridas em fevereiro, deverão registrar o melhor nível de armazenamento no fim do período seco, em novembro, desde 2011.

De acordo com cálculos da comercializadora Trinity Energia, considerando um volume de chuvas de 90% do histórico para o período, os reservatórios do subsistema Sudeste/Centro-Oeste, que respondem por 70% da capacidade de acumulação de água para geração de energia do país, devem chegar ao fim do período seco com 45% da capacidade. Considerando um volume de chuva na média histórica, o nível pode chegar a 49%. Para efeito de comparação, os reservatórios das duas regiões chegaram a 18,9% em igual período de 2019.

Segundo Paulo Mayon, consultor, professor da FIA USP e conselheiro de empresas do setor elétrico, apenas a redução da carga pode responder por uma elevação de 7 pontos percentuais dos reservatórios do país. As contas consideram uma redução de 4 mil megawatts (MW) médios do consumo nos próximos três meses e uma queda de 2,3 mil MW médios nos meses seguintes até o fim do ano.

De acordo com dados do Operador Nacional do Setor Elétrico (ONS), os lagos das hidrelétricas do Sudeste/Centro-Oeste estão com nível de estoque de 47,4%. A previsão do órgão para o fim deste mês é de 52% de acumulação. Antes da crise gerada pela pandemia, o governo esperava que os reservatórios das usinas das duas regiões chegassem ao fim de abril, quando termina o período úmido, na casa dos 45%. A tendência é que esse número seja revisto para cima.

“Com o passar do tempo e a redução da atividade econômica por várias circunstâncias, de certa forma teremos uma recuperação dos reservatórios”, disse o presidente da consultoria Thymos Energia, João Carlos Mello. A empresa estima uma queda de 5 mil MW médios de carga em março e abril, fazendo com

que os lagos das usinas do Sudeste/Centro-Oeste cheguem ao fim do período úmido com 56,2% da capacidade.

Mello disse acreditar que, nesse cenário, é possível que a bandeira tarifária fique verde, ou seja sem custo adicional na conta de luz, ao longo de todo o ano.

A opinião dele é compartilhada por Alexandre Americano, sócio da consultoria Mercurio Partners. Segundo ele, a depender da configuração do regime de chuvas, é possível que a bandeira tarifária seja verde durante todo o inverno, quando as precipitações diminuem. O executivo disse ainda que países onde foi feito o “lockdown”, como Itália, Espanha e França, tiveram queda do consumo de 20%.

O cenário de queda da demanda pode levar a uma redução da geração termelétrica no país, porém a fonte continuará tendo participação relevante no sistema, é o que indica o presidente da consultoria Gas Energy, Rivaldo Moreira Neto. O executivo lembra, por exemplo, que os reservatórios hidrelétricos iniciaram 2012 em níveis confortáveis e rapidamente despencaram, exigindo um grande acionamento de termelétricas.

O único subsistema em situação crítica hoje é o Sul, com 18% da capacidade. A região, porém, tem regime hidrológico inverso ao do restante do país, e tende a assistir uma recuperação dos reservatórios no inverno.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 22/03/2020

Seção: Agronegócios

Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo

Título: Usinas sucroalcooleiras pedem socorro ao governo

Os produtores de etanol estão organizando uma lista de pedidos de socorro ao governo federal em meio à dupla crise que golpeou neste mês o segmento: o colapso da demanda por causa do coronavírus e o tombo do petróleo derivado de divergências entre Arábia Saudita e Rússia.

O **Valor** apurou que, de imediato, as empresas querem que o governo autorize o não recolhimento de PIS e Cofins por 120 dias, que seriam pagos posteriormente, ainda neste ano fiscal. Com isso, a expectativa é que as usinas tenham reforço em seu capital de giro para iniciar a safra que começará em abril (2020/21), garantindo o pagamento das despesas. Os grupos do segmento pagam R\$ 0,1309 por litro de PIS e Cofins.

A segunda reivindicação é a criação de uma linha de financiamento do BNDES atrelada ao programa federal RenovaBio para garantir ao menos a manutenção dos investimentos em produtividade, que não podem deixar de ser feitos sob pena de deterioração dos canaviais e redução dos ganhos nas safras seguintes. A ideia que está em gestação é que apenas as usinas certificadas para participarem do RenovaBio tenham acesso a esse recurso.

Circula também entre alguns membros do setor uma proposta de elevação da alíquota da Cide sobre a gasolina- hoje em R\$ 0,10 por litro. Segundo uma fonte, a medida poderia melhorar a competitividade do etanol hidratado ante o combustível fóssil mesmo ante vendas anêmicas.

As discussões estão em curso entre as associações representantes das usinas, como a União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica) e a União Nacional do Etanol de Milho (Unem), e entidades estaduais. Também participam o **Ministério de Minas e Energia (MME)** e o BNDES, conforme uma fonte. O conjunto de pedidos será “aprimorado” antes de ser apresentado ao comitê de crise do governo.

Não se trata de uma articulação isolada no setor privado. Quase todas as cadeias produtivas estão se organizando para pedir alívio fiscal e socorro financeiro ao governo, já que a pandemia da covid-19 exige medidas de controle de circulação das pessoas que levam inevitavelmente a um choque na demanda.

A chegada do coronavírus no Brasil virou de ponta-cabeça o cenário alvissareiro que se armava para a próxima safra de cana no país. Após dois anos de preços de açúcar em patamares muitas vezes abaixo do custo de muitos produtores, o déficit global de oferta vinha oferecendo suporte aos preços. Além disso, o dólar vinha se mostrando cada vez mais favorável às exportações. Paralelamente, as perspectivas para o etanol eram de preços ainda sustentados por causa do consumo interno de combustíveis aquecido.

Em 15 dias, tudo mudou. Na primeira quinzena de março, as alterações no comportamento do consumidor foram mais significativas em São Paulo, mas sem um padrão, segundo Sergio Massilon, presidente da Associação das Distribuidoras de Combustíveis (Brasilcom). “Mas as previsões para a segunda quinzena nos parecem sombrias, com provável queda significativa de demanda de combustíveis”. Em breve, afirmou, as distribuidoras e revendedoras verão “um aumento nos estoques, em função das obrigações contratuais com os fornecedores, mormente com a Petrobras”.

Para piorar, a guerra do petróleo entre Arábia Saudita e Rússia, que não querem perder participação de mercado num cenário de redução de consumo, nem começou a se refletir nos preços da gasolina nos postos brasileiros.

Desde que os sauditas decidiram inundar o mundo de petróleo, em 8 de março, a Petrobras já cortou o preço da gasolina A (sem etanol anidro) nas refinarias em 20%. Nas bombas, a queda foi de 1%, na semana até o dia 21, segundo a ANP. Nesse período, o etanol hidratado já não estava mais competitivo que a gasolina nos principais polos de consumo, como São Paulo e Minas.

Para alguns analistas, o preço do etanol terá que recuar muito para retomar competitividade. “A acomodação da menor demanda se dará por um ajuste na paridade entre gasolina e etanol. Ou seja, o etanol será escoado e a menor demanda recairá sobre a gasolina”, avalia Luis Gustavo Correa, sócio da FG/A.

“O risco é termos margem negativa no etanol se não mudar o cenário”, disse Luiz Gustavo Junqueira, diretor comercial da Usina Alta Mogiana, de São Joaquim da Barra (SP). Ele estima que, se a gasolina C absorver toda a pressão do petróleo, o etanol será vendido na porta das usinas a R\$ 1,80 - preço que, para muitos, já não cobre todos os custos.

A tábua de salvação ainda pode ser o açúcar, já que muitas usinas conseguiram travar antecipadamente preço de exportação para a nova safra, além de receitas adicionais com cogeração de energia.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 22/03/2020

Seção: Política

Autor: LUIZ VASSALLO e FAUSTO MACEDO

Título: Moraes destina R\$1,6 bi de fundo da Lava Jato para saúde

O ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes determinou que R\$ 1,6 bilhão fruto de acordo entre a Operação Lava Jato e a Petrobrás sejam destinados ao combate ao novo coronavírus. A verba, inicialmente, seria destinada à Educação, em razão de decisão do próprio ministro. No entanto, o procurador-geral da República Augusto Aras pediu a realocação dos recursos. O advogado-geral da União, André Mendonça, se posicionou favoravelmente à destinação. Para Moraes, “a realocação solicitada não acarretará nenhuma descontinuidade de ações ou programas de governo, ao mesmo tempo em que virá ao encontro de uma necessidade premente que ameaça a vida e a integridade física dos brasileiros”. “A pandemia de Covid-19 (coronavírus) é uma ameaça real e iminente.”

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 22/03/2020****Seção: Internacional****Autor: Fabiola Zerpa THE WASHINGTON POST****Título: Venezuela fecha postos de gasolina por doença**

Para preservar o escasso estoque em meio à pandemia, Forças Armadas terão o controle

O governo da Venezuela vai fechar os postos de gasolina em todo o país para preservar o estoque de gasolina enquanto uma quarentena decretada para conter o novo coronavírus paralisa o país, segundo fontes. Apenas algumas dezenas dos 1,8 mil postos da Petroleos de Venezuela SA (PDVSA) em todo o país permanecerão abertos, operados pelas Forças Armadas para permitir o reabastecimento de combustível de veículos médicos, de carga e de utilidade pública, de acordo com as fontes, que pediram para não serem identificadas, pois o plano ainda não foi anunciado. A jogada mais recente é um passo além na decisão anterior de militarizar as bombas de combustível em pelo menos três Estados.

O fechamento ocorre em um momento em que o país chega a 70 casos confirmados da covid-19 em duas semanas, número baixo, mas crescente que desperta o medo nos médicos, para quem o governo do presidente Nicolás Maduro estaria despreparado para lidar com uma pandemia. As entregas de gasolina foram pausadas no mês passado, piorando uma situação de escassez já existente que mantinha os venezuelanos em filas por horas – e às vezes dias – para encher o tanque. Não se sabe ao certo se a capital seria incluída, disseram três das fontes. O controle terceirizado para empresas particulares pela PDVSA para a operação dos postos seria cedido às Forças Armadas, disseram as fontes. Representantes da PDVSA e do Ministério da Defesa não responderam às tentativas de contato da reportagem.

A Venezuela, antes uma gigante do petróleo, viu sua produção cair para 760 mil barris por dia, e teve redução de 15% na capacidade de refinamento em decorrência de anos de administração incompetente, corrupção, falta de investimento e, mais recentemente, sanções dos Estados Unidos, impostas pelo governo Donald Trump para forçar uma mudança de governo no país. Os postos de combustível já foram fechados em seis Estados da região norte do país. Um pequeno número de bombas de gasolina situados em importantes estradas e vias da Venezuela segue aberto, e pessoas sem licença especial são impedidas de abastecer. / TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 22/03/2020****Seção: Colunas****Autor: LETICIA PAKULSKI, CLARICE COUTO e GUSTAVO PORTO****Título: » Fechou o tempo.****Coluna do BroadcastAgro**

A indústria norte-americana de etanol já enfrenta dificuldades com o forte recuo do petróleo. A commodity terminou a semana abaixo de US\$ 30 por barril. Segundo fontes do setor nos Estados Unidos, algumas usinas podem fechar as portas com a queda na demanda pelo biocombustível. O galão de etanol estava cotado a US\$ 1 nos terminais de exportação de Houston, no Texas. Nesta semana, a Associação de Combustíveis Renováveis dos EUA anunciou que algumas fábricas cortaram ou paralisaram a produção.

MME / ASCOM .